

**FACULDADE DE SÃO BENTO**

**JORGE LUIS GOMES BONFIM**

**O PERSONALISMO DE KAROL WOJTYLA**

SÃO PAULO  
2017

JORGE LUIS GOMES BONFIM

## **O PERSONALISMO DE KAROL WOJTYLA**

Monografia apresentada como exigência para obtenção do título de bacharel em Filosofia na Faculdade de São Bento.

Orientador: Prof. Dr. Joel Gracioso.

SÃO PAULO

2017

JORGE LUIS GOMES BONFIM

O PERSONALISMO DE KAROL WOJTYLA

Monografia apresentada como exigência para obtenção do título de bacharel em Filosofia na Faculdade de São Bento sob a orientação do Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Joel Gracioso.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 18/12/2017, pela banca examinadora:

---

Prof. Dr. Joel Gracioso

---

Prof. Dr. Pe. Fernando Rocha Sapaterro

---

Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva

*Dedico este trabalho a toda juventude da Diocese de Santo André  
e à memória de meu pai Áureo Moretti Bonfim.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus todo seu amor para com este pecador. A sua mãe, Maria Santíssima, Virgem de Aparecida por todo o amparo neste estudo. Agradeço a minha família, em especial, minha mãe Evlin Gomes, sinal de docilidade e ternura em minha vida e a João Luiz, o pai que meu coração escolheu ter. Aos meus irmãos, Fernanda Linares Magalhães, João Lucas Gomes e Juliana Bonfim, que são sinais de alegria e do Cristo amigo em meu caminhar. Agradeço também ao Padre Francisco Semplicio, pai, padrinho e amigo, que ao longo de todo este curso letivo nunca deixou que eu desanimasse ou desacreditasse de mim.

Agradeço à formação do seminário diocesano de Santo André, ao Padre Dayvid, reitor da casa de filosofia e Dom Pedro Carlos, pastor e guia de nossa diocese. Agradeço ao Padre Francesco Comissari, por seu zelo e atenção em me presentear com um importante título que contribuiu para a realização deste trabalho. Também agradeço a Cauê Ribeiro Fogaça, irmão e amigo, por toda a fraternidade ao longo deste processo, sabendo sempre compreender minhas cruzes e luzes.

Sou grato também a todo o corpo acadêmico da Faculdade São Bento, bem como seus funcionários que contribuíram de forma muito concreta para minha caminhada no curso de filosofia, sempre apontando caminhos para desbravar o mar do conhecimento. Agradeço de forma especial ao professor doutor Joel Gracioso, meu estimado orientador, que em suas provocações acadêmicas sempre me instigou a buscar me aprofundar em meus estudos, especialmente no pensamento de Karol Wojtyła, agradeço pela paciência e pela humanidade em cada conversa e orientação. Agradeço a Vinícius Afonso pela revisão deste trabalho, sempre se mostrando muito zeloso e amigo em sua disponibilidade.

Por fim, agradeço a todo o povo de Deus, em especial à porção presente nas comunidades por onde pude me dedicar pastoralmente e enriquecer minha vivência e experiência de fé.

*“O amor me explicou tudo,  
me explicou todas as coisas.”  
São João Paulo II*

## RESUMO

Há na pessoa de Karol Wojtyła uma ampla contribuição de seu pensamento no campo da filosofia. O objetivo deste trabalho é desenvolver em linhas gerais os principais aspectos da vida deste jovem polonês e todas as suas considerações para a filosofia contemporânea, com sua ampla reflexão na obra *Pessoa e Ação*. Os conceitos apresentados encontram-se localizados nas áreas de Antropologia, Fenomenologia e Personalismo. Partindo da experiência, o filósofo edifica seu pensamento justificando que pelo ato da experiência a pessoa faz experiência dos outros e das coisas, mas também realiza experiência de si mesmo. Este trabalho propõe que pensar no conceito de pessoa é também pensar em um ser de relação de um ser que se relaciona com o outro.

**Palavras chaves:** Karol Wojtyła, experiência e pessoa.

## RESUMEN

Hay en la persona de Karol Wojtyła una amplia contribución de su pensamiento en el campo de la filosofía. El objetivo de este trabajo es desarrollar en líneas generales los principales aspectos de la vida de este joven polaco y todas sus consideraciones para la filosofía contemporánea, con su amplia reflexión en la obra Persona y Acción. Los conceptos presentados se encuentran ubicados en las áreas de Antropología, Fenomenología y el Personalismo. Partiendo de la experiencia el filósofo edifica su pensamiento justificando que por el acto de la experiencia la persona hace experiencia de los demás y de las cosas, pero también realiza experiencia de sí mismo. Este trabajo propone que pensar en el concepto de persona es también pensar en un ser de relación de un ser para el otro.

**Contraseñas:** KarolWojtyla,experiencia e pessoa.



## **NOTA BIBLIOGRÁFICA**

Para a composição deste trabalho foi utilizado o texto em espanhol *Persona y acción*, publicado em sua segunda edição no ano de dois mil e quatorze na cidade de Madri pela editora Palabra. Todas as citações que ocorrem no trabalho foram traduzidas ao português, contendo na nota de rodapé a paginação referida.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>I CAPÍTULO: VIDA E OBRA</b> .....	13
1. Infância e Juventude.....	13
2. Seminário e vida acadêmica .....	16
3. Padre Wojtyla e seus estudos em Roma.....	19
4. Bispo, Concílio, arcebispo e papa .....	21
5. Suas contribuições .....	25
<b>II CAPÍTULO – AS FONTES FILOSÓFICAS DE KAROL WOJTYLA</b> .....	26
1. O início do personalismo .....	26
2. O homem como pessoa no desenvolvimento da filosofia.....	28
3. O Tomismo .....	31
4. A fenomenologia ética de Max Scheler .....	31
5. A experiência como ponto de partida .....	33
<b>III CAPÍTULO – KAROL: O FILÓSOFO DA PESSOA</b> .....	36
1. A consciência.....	36
2. A liberdade como fonte do dinamismo do sujeito .....	38
3. A autodeterminação na estrutura da pessoa .....	39
4. Vontade livre: transcendência da pessoa na ação .....	40
5. A elaboração dos valores e seus juízos .....	42
6. Pessoa e participação .....	43
<b>CONCLUSÃO</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	48

## INTRODUÇÃO

O problema acerca do conceito de pessoa sempre teve um lugar na discussão da filosofia, com isso o presente trabalho tem como proposta apresentar o pensamento de Karol Wojtyła, importante pensador contemporâneo, sobre o seu conceito de pessoa que caminhará essa investigação. Suas reflexões têm tanta validade nos tempos atuais, que os estudos sobre sua contribuição no campo da filosofia começam a ter cada vez mais espaços em grupos de estudos e ambientes acadêmicos.

Em um primeiro momento, busca-se apresentar a partir da biografia do autor estudado como sua vida foi marcada por momentos extremos, seja em sinais de vida e sinais de morte. Sua criação realizada em um ambiente extremamente conturbado e marcado por ideologias extremistas, que somados à perda de seus entes queridos, teria força suficiente para caminhar em outras decisões, desacreditando assim das pessoas, e tudo que elas fossem capazes de realizar. Possivelmente neste contraponto que foi a filosofia de Wojtyła frente a essas correntes extremistas, pode-se notar a ampla capacidade em defender a humanidade, a pessoa em seu sentido pleno, para que uma vez reconhecido as suas ações as pessoas estariam assim também evidenciando a finalidade última de cada uma delas, seres de comunhão, que não vivem ou se formam sozinhas, mas sim na medida em que realizam experiência.

No segundo capítulo há uma explicação das principais correntes filosóficas e também dos pensadores que marcaram a concepção de Karol, tanto no campo acadêmico em sua formação em vista do sacerdócio, como nos diversos estudos que desenvolveu quando professor. A experiência é a provocação primeira que quer nos colocar no início da reflexão realizada pelo polonês. Sem dúvida, o precursor do personalismo, Mounier, merece destaque; mas o trabalho de Karol se encontra edificado em três importantes pensadores: Aristóteles, São Tomás de Aquino e Marx Scheler, todos os quais muito utilizados ao longo da elaboração de *Pessoa e Ação*, sua principal obra filosófica.

Com o último capítulo pretende-se destacar alguns importantes conceitos presentes na obra *Pessoa e Ação*, a maior contribuição filosófica do autor polonês.

O primeiro e importante conceito é o de consciência, seguido pelo da liberdade. Se a liberdade é colocada como caminho da formação e da experiência da pessoa, existe neste espaço uma autodeterminação que o próprio homem possui, sendo guiado sempre por sua vontade, por seu querer livre. Frente a essas ações a pessoa é capaz de ajuizar e valorar seu pensamento.

Ser pessoa em Wojtyla é ser um ser que se forma na medida em que realiza experiência do outro, pois na medida em que realiza a experiência do outro, está realizando também a experiência de si mesmo.

# I CAPÍTULO: VIDA E OBRA

## 1. Infância e Juventude

No dia dezoito de maio de mil novecentos e vinte, em Wadowice situado ao sul da Polônia, por volta das dezessete horas, mesmo horário de sua eleição como sumo pontífice, chega ao mundo Karol Josef Wojtyła para alegria de sua família. A vida precisava continuar apontando como um rico sinal de esperança, em uma cidade carregada de guerras e disputas entre a Polônia recém independente e a República Soviética de Lênin. Há quem diga que quando Karol nasceu, um raio de luz adentrou o quarto e que sua mãe teria pedido para abrirem as janelas, para que ele pudesse ouvir cantos religiosos dedicados a Maria Santíssima, que eram melodiados na Igreja de Nossa Senhora desde o outro lado da rua.

“Lendas e depoimentos misturam-se hoje na evocação desse parto ocorrido em casa, como era o costume na época. Um raio de sol teria realmente iluminado o quarto? Cantos religiosos podiam realmente ser ouvidos na igreja em frente? Naturalmente ninguém pode garantir. Segundo a parteira, informa um dos primeiros biógrafos do papa, não houve qualquer complicação.”<sup>1</sup>

Filho de Karol Wojtyła, cabo militar e importante combatente, pois possuía o amplo domínio sobre o próprio polonês e o alemão, e de Emilia Kaczorowska, exímia mulher polonesa, de olhos castanhos e pele branca. Com uma família fervorosamente católica, tipicamente polonesa, é da mãe que o jovem Lolek, como era chamado pelos mais próximos, aprende as primeiras orações e o sinal-da-cruz. Emilia sempre guardou no coração o precioso desejo de ter um filho ligado à medicina e outro ao sacerdócio, como ele mesmo relata em uma entrevista concedida a um jornalista: “Minha mãe queria dois filhos, um médico, o outro padre”

2

Lolek foi batizado um mês depois de seu nascimento, como consta no livro de registros por um sacerdote militar amigo da família, na Igreja de Santa Maria de Wadowice. Próximo de completar nove anos, recebe o santíssimo corpo e sangue de Jesus, em sua primeira comunhão. Neste mesmo período no dia treze de abril

---

<sup>1</sup> LECOMTE, Bernard. João Paulo II. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 26.

<sup>2</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit.*, p. 27.

sua mãe, já com a saúde debilitada, falece em sua casa aos quarenta e cinco anos de idade, sendo a causa uma afecção do miocárdio e dos rins. Alguns raros relatos de vizinhos da família dizem que ela era uma mulher visivelmente calma, frágil e às vezes melancólica. A perda de sua mãe marcará a vida do menino Karol que teria se tornado menos alegre. O militar Wojtyla precisa então assumir a postura de mãe e pai para seus dois filhos.

Com exímia dedicação aos estudos, o pequeno Wojtyla era muito elogiado por sua professora e as notas que constavam no boletim eram de deixar qualquer pai de família motivado.

“No seu primeiro boletim recebeu notas de muito bom (em Religião, Comportamento, Desenho, Canto e Jogos e Exercícios) e bom em todas as outras disciplinas. Era apaixonado por futebol, excelente em leitura e ia à missa todas as manhãs, antes da escola.”<sup>3</sup>

Com o passar do tempo, a morte mais uma vez adentra o lar dos Wojtyla: Edmund, seu irmão mais velho, um rapaz estimado por todos, que aos vinte e cinco anos começou a exercer a profissão de médico, vocação essa que lhe renderam anos de estudo e muita dedicação. Seu primeiro e único posto para o exercício da profissão foi uma clínica na cidade de Cracóvia, capital da Polônia. É nessa clínica infantil, que de um paciente o irmão mais velho de Karol contrai escarlatina, doença essa que o levaria a morrer quase quinze dias depois. “Edmund falece a cinco de dezembro de mil novecentos e trinta e dois, sendo enterrado no cemitério Bielsko.”<sup>4</sup> A perda do irmão fica ainda mais gravada na memória do jovem Lolek, que com doze anos e agora mais consciente começa a lidar melhor com a perda, diferentemente de seu pai.

Karol Wojtyla teve também uma irmã, concebida oito anos depois do nascimento de Edmund, que não resistiu após o nascimento; antes de morrer a recém-nascida recebe o nome de Olga, em homenagem à irmã mais velha de Emilia. O registro desse pequeno bebê não ficou oficializado em nenhum livro religioso ou civil. “A menina não consta de nenhum registro de batismo, não existe

---

<sup>3</sup> BERNSTEIN, C.; POLITI M. Sua santidade João Paulo II e a história oculta de nosso tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. p. 29

<sup>4</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit*, p. 29.

um túmulo com seu nome. Permaneceria para sempre um doloroso mistério, do qual o próprio papa nunca quis falar.”<sup>5</sup>

Com a perda do filho mais velho, o pai Karol tira forças da fé e começa a se dedicar integralmente à educação do caçula. Dentro de casa não houve grandes dificuldades, a não ser as já mencionadas perdas. É no tempo de estudo que Lolek tem contato com as artes e com os esportes, paixões essas que lhe renderam grande dedicação aos palcos como ator.

“O menino ficou fascinado pelo palco. Agora começou a ler peças e, encorajado por seus professores, provou a emoção de representar o papel principal em peças montadas no colégio. Esse encontro com as artes e essa ampliação do seu mundo pareciam finalmente erguer o que restava do seu véu de melancolia.”<sup>6</sup>

Em seis de maio de mil novecentos e trinta e oito, Karol é crismado pelas mãos do arcebispo de Cracóvia, Adam Sapieha, personalidade de grande relevância em toda a Europa. Foi sobre Karol que ficou a responsabilidade de dar as boas-vindas ao arcebispo, discurso esse que foi escrito e lido em latim pelo crismando. Ao final do discurso, foi indagado pelo próprio arcebispo se iria dedicar-se à vida religiosa, se iria ingressar ao seminário, mas o próprio Karol responde: “Vou estudar Literatura polonesa e filologia. Que pena. Retrucou o arcebispo.”<sup>7</sup>

Já com dezoito anos, no mesmo ano, o jovem Karol e seu pai passam agora a morar em Cracóvia, e é lá que Karol Wojtyła inicia sua vida acadêmica, na universidade de Jagellona. É sobre o filho que repousa a responsabilidade de realizar a maior parte da mudança, já que a idade de seu pai beirava os sessenta anos. Na academia começam então seus estudos de Filologia e estuda diferentes línguas, muitas das quais já conhecidas e bem avaliadas em seus boletins no tempo de ginásio.

Na universidade organiza círculos literários, e procura viver uma vida na contra-mão dos demais universitários. Talvez suas maiores aventuras tenham sido no tablado ou nas viagens que fazia para as montanhas com seu pai e amigos, sempre muito equilibrado e sério. Sua melhor amiga Halina diz:

---

<sup>5</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit.*, p. 26.

<sup>6</sup> BERNSTEIN, C.; POLITI M. *op. cit.*, p. 29.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 51.

“Karol era muito sedutor, tinha uma voz magnífica, mas realmente era muito sério. Na época nós organizávamos reuniões literárias pagas, depois íamos beber hidromel com o dinheiro ganho. Mas Karol pegava sua parte (dois zlotys) e ia para casa! Ele não era diferente dos outros rapazes, era, como direi?...à parte. Quando digo “à parte”, não estou querendo dizer que lhe faltava alguma coisa, muito pelo contrário: ele era mais rico que nós.”<sup>8</sup>

Ainda quando estudava, já no ano de trinta e nove foi convocado ao treinamento militar, pois a Polônia havia entrado em guerra e começava a ser ocupada agora pela Alemanha de Hitler, mas em meio aos ofícios do treinamento, recusou-se a atirar.

Após o terror se instaurar na sua grande e amada nação, Karol vê sua Universidade fechada, e é recomendado a trabalhar na Pedreira, pois esses funcionários recebiam alimentação, algo extremamente escasso. “seus empregados trazem na carteira de identidade um selo especial, uma chance suplementar de não morrer de fome e de evitar a deportação para o Reich.”<sup>9</sup>

E eis que a morte bate outra vez as portas dos Wojtylas. Ao voltar da pedreira, isso em mil novecentos e quarenta e um, Karol encontra seu pai desfalecido, sem nenhum sinal de vida. Todo esse contexto de invasão, miséria e dor, fazem o jovem Lolek já com seus vinte um anos repensar seus projetos, já que a importante personalidade de seu pai era agora um amor confiado ao coração saudoso.

Aprofundando-se ainda mais em sua fé, Wojtyla se vê mergulhado em reflexões que o levaram a questionar a sua vocação. Foi a experiência da cruz que provocou no filho órfão o desejo vocacional. Assim,

“durante a vigília, Wojtyla refletiu sobre seu destino e sua vocação. Há testemunhas que são unânimes em achar que o choque provocou uma crise. A calma e serenidade desse homem, que aparentemente fora tão insignificante, tinham iluminado a vida de Karol. A morte do pai impeliu-o ainda mais fundo nas reflexões místicas e filosóficas.”<sup>10</sup>

## 2. Seminário e vida acadêmica

---

<sup>8</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit.*, p. 65.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 78.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 66-67.



Com uma educação católica muito presente no seio familiar e no país como um todo, não é difícil começar a compreender a vida religiosa e acadêmica de Karol Wojtyła. Com uma infância e juventude marcadas pelo poder das ideologias, e das perdas, nada melhor do que se lançar nos braços Daquele que não passa, que nos garante vida, que ama cada pessoa.

Em meio a forte repressão nazista em todos os âmbitos da sociedade, Wojtyła ainda encontrava no teatro uma fonte de inspiração e proteção para as vicissitudes da vida amplamente marcada pelo trágico. É pela oração e pela arte teatral que ele equilibrava sua vida, suas ações. “A palavra Viva, o Rosário vivo correndo sobre esses trilhos paralelos, intensificou-se a busca interior de Wojtyła. Essas duas concepções alimentavam suas tendências místicas.”<sup>11</sup> E unindo-se ao desejo do amigo, Kotlarczyk, fundam o Teatro Rapsódico, que clandestinamente queria expressar de maneira espiritual tudo o que era contido pelo regime nazista. É no heroísmo sacrificial vivenciado sobre os tabladros que Wojtyła encontra o desejo de se entregar por amor, como oferta à Igreja, a cada pessoa.

Em mil novecentos e quarenta e dois, em uma franca meditação com seu confessor, padre Figlewicz, o jovem ator orante sente no coração o desejo de se entregar ao ministério ordenado; é então que ele busca as palavras daquele mesmo arcebispo, Adam Sapieha, que o acolhe no seminário, contudo clandestinamente.

A vida aos olhos dos amigos deveria ser a mesma visão secular de sempre: trabalho, oração e teatro, também clandestino. “As aulas eram ministradas em conventos, igrejas e casas particulares. Os alunos eram instruídos a manter seus estudos em segredo em relação aos seus conhecidos e a manter rotinas seculares.”<sup>12</sup> Todo sistema formativo dos seminaristas era minuciosamente organizado, para que não houvesse maiores complicações.

Nesse ambiente formativo no meio do caos secular, o então seminarista Wojtyła buscava nos ofícios do trabalho, na fábrica química Solvay, momentos para rezar e reforçar os estudos. Não poucas vezes, Karol lia seus livros de orações e com ele passava horas a fio em meditação. “Todas os dias dava uma longa caminhada até a

---

<sup>11</sup> BERNSTEIN, C.; POLITI M. *op cit*, p. 69.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 73.

sepultura do pai e à noite, muitas vezes, se atirava no chão úmido do quarto para rezar durante horas a fio.”<sup>13</sup>

O jovem seminarista, assim como seus colegas, estavam sobre o cuidado do padre Klosak, que orientava e reforçava a todos secretamente. Com base em listas de livros, Karol e seus companheiros se preparavam aos exames que o próprio padre os empregava. É quando ele se depara com o encantamento da obra Teodiceia, que tudo em sua mente, já rica em literatura, poesia e artes, muda para melhor. “O mundo inteiro abriu-se diante de mim, diz ele...”<sup>14</sup> É nesse contexto que seus demais companheiros de processo são enviados a paróquias de aldeias para um maior contato com as atividades pastorais, mas Wojtyla ainda permanecia em Cracóvia. Vendo a necessidade, então seu arcebispo o envia para a companhia do padre Jozef Jamroz, em Raciborowice, não muito distante de Cracóvia. É aí que ele inicia de maneira efetiva os cuidados pastorais, as atividades cotidianas sacerdotais.

“... o futuro padre, se inicia portanto, durante três verões, nas tarefas cotidianas que constituem a vida de uma paróquia: missas, cerimônia, sacramentos, ação caritativa, visita aos doentes, administração.”<sup>15</sup>

É ainda em Raciborowice que Karol tem um profundo contato com as obras de São Tomás de Aquino. Com o avanço do tempo e a proteção divina, as tropas nazistas deixam Cracóvia e a região. Já no ano de mil novecentos e quarenta e cinco o seminário é reaberto, embora nunca estivesse fechado no coração dos formandos e de seus superiores. A Polônia finalmente é uma nação livre, embora a vida de todos estivesse marcada pelas ideologias vivenciadas na pele dominadoras. “Os seminaristas, que voltam a poder circular pela cidade sem medo de serem detidos, desfrutam como todo mundo da felicidade de se verem livres dos nazistas.”

<sup>16</sup>

Em março deste mesmo ano, a felicidade volta a aflorar na vida acadêmica de Karol, que tem a grande alegria em retornar para sua universidade de Jagellona, para realizar os estudos do terceiro ano de teologia. O envolvimento acadêmico do jovem e agora quase padre é sempre muito grande, o que lhe torna representante de sua faculdade junto a um conselho da universidade, que unida à Associação

---

<sup>13</sup> BERNSTEIN, C.; POLITI M. *op cit*, p. 74.

<sup>14</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit*, p. 106.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 107.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 115.

Bratniak iria distribuir recursos financeiros e humanitários para aqueles que haviam perdido tudo. “Sob a tutela do muito respeitado professor Pigon, os estudantes escolheram um presidente, JozefTrojanowski, e um vice-presidente, KarolWojtyla.”<sup>17</sup>

Tudo o que se refere à vida acadêmica desse jovem intelectual seminarista apontam para uma vida autêntica, toda entregue aos trabalhos e missões na universidade e na faculdade de teologia, o que lhe rende grande reconhecimento. KarolWojtyla era um teólogo virtuoso.

“Todos os depoimentos da época são de admiração: com agilidade mental, inteligência brilhante, grande cultura, o estudante Wojtyla supera seus colegas. Sua capacidade de trabalho é excepcional. Sua inteligência, também.”<sup>18</sup>

Tão particular dedicação acadêmica lhe rende boas considerações de seu próprio arcebispo, que nota em Wojtyla uma profunda e diferente alma intelectual.

Ainda sobre sua formação, é relevante destacar a importância da filosofia nos estudos de Wojtyla; ao deparar-se com a grandiosidade dessa rica matéria, ele se vê frente ao mundo amplo e complexo. “O primeiro encontro foi singularmente duro porque Wojtyla se viu de braços diretamente com a metafísica tomista, por si mesmo complexa e abstrata.”<sup>19</sup> Sem dúvida alguma sua formação em filologia e centrada nas artes humanas, nunca conseguiram aproximá-lo de tão grande maravilhar-se como a filosofia foi capaz de realizar.

### **3. Padre Wojtyla e seus estudos em Roma**

Ordenado em primeiro de novembro de mil novecentos e quarenta e seis pelas mãos do Cardeal Sapieha, tal ordenação acontece antes do tempo estimado, já que a Polônia tinha pressa por bons sacerdotes, segundo palavras do próprio cardeal. Suas primeiras missas foram marcadas de significados, já que no dia seguinte era Finados e todas as celebrações que por ele foram rezadas, contabilizando três, foram dedicadas aos seus pais e ao seu irmão.

Em seguida, quinze dias após sua ordenação, pelo mesmo cardeal, padre Karol é enviado a Roma, para que possa se dedicar ainda mais aos estudos. É então que

---

<sup>17</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit.*, p.116.

<sup>18</sup> Ibidem, p.117.

<sup>19</sup> Ibidem, p.127.

ingressa no tão famoso e já renomado Angelicum. Recebe então os horários das vastas matérias que poderia cursar e a relação dos professores.

“No dia vinte e seis de novembro de mil novecentos e quarenta e seis, Karol matricula-se no curso de licenciatura (*“biennium ad lauream”*) do Pontificium Institutum Angelicum de Urbe, a prestigiosa universidade pontifícia dos dominicanos, até hoje conhecida como o Angelicum.”<sup>20</sup>

Com relação aos estudos de línguas, padre Wojtyla retoma a dedicação às línguas, principalmente as latinas, para prazerosas descobertas acadêmicas. A partir do francês têm contato as obras de Jacques Maritain, Étienne Gilson – especialista na área de Escolástica e de São Tomás de Aquino – e Emmanuel Mounier – aclamado como pai da filosofia personalista. Mas o jovem padre procura reforçar seus estudos nas estruturas linguísticas.

“... ele volta a estudar francês e lê muitos autores franceses contemporâneos, descobrindo Emmanuel Mounier, Étienne Gilson e Jacques Maritain, pelos quais se apaixona. Acabaria dominando melhor o francês que o alemão. Paralelamente, começa aprender o italiano. No Angelicum, estuda em latim. E para compreender melhor os escritos de São João da Cruz, já vimos que também começara a estudar espanhol.”<sup>21</sup>

É sobre o reformador carmelita que realiza sua tese: A fé em São João da Cruz. Nesse mestrado, Wojtyla realiza descobertas sobre a mística espiritual, que segundo São João da Cruz é manifesta de forma experienciada, na vivência subjetiva.

Não se restringindo apenas a São João da Cruz, mas agora o jovem presbítero se vê debruçado sobre os estudos da ética de Max Scheler, na relação da ética cristã com as bases do sistema de Scheler. Este encontro rende-lhe sua maior evolução intelectual, que posteriormente será aplicada em seu pastoreio. É daí que surge *Pessoa e ação*, sua principal contribuição como obra filosófica.

Após finalizar seus estudos no Angelicum, padre Karol, que sequer tinha ainda trinta anos, parte para a França em missão, sempre sobre as orientações de seu superior. Em Niegowic, vilarejo localizado a trinta quilômetros de Cracóvia, é designado para a função de vigário, onde também tem um grande contato com a vida da juventude.

Ao longo de seu desempenho pastoral, o jovem sacerdote começa a ensinar nas universidades de Jagellona e de Lublin, na qual sempre precisava enfrentar algumas

---

<sup>20</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit.*, p. 127.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 127.

horas de trem para cumprimento do ofício. Entre a vida acadêmica e a vida pastoral formou um pequeno grupo de jovens, para que pudesse em meio à juventude discutir filosofia e problemas desta etapa da vida.

“Padre Karol posteriormente ensinou ética na Universidade Jaguelônica e na Universidade Católica de Lublin. Enquanto ensinava, formou um grupo de jovens que se denominava Rodzinka, “pequena família”, que se encontrava para rezar, discutir filosofia e ajudar os cegos e doentes, além de praticar atividades como esqui e caiaque.”<sup>22</sup>

Mil novecentos e cinquenta e quatro é o ano em que padre Karol Wojtyła consegue o título de doutor em filosofia, defendendo uma tese sobre Max Scheler. Era um intelectual por excelência no campo da ética. Era poeta e um acadêmico reconhecido.

“Escreveu uma série de artigos para o jornal católico de Cracóvia Tygodnik Powszechny, tratando de assuntos contemporâneos da Igreja, e criou um trabalho literário durante seus primeiros 12 anos como padre; a guerra, a vida sob o comunismo e suas responsabilidades pastorais eram temas que compunham sua poesia e peças de teatro. Publicava esse trabalho sob dois pseudônimos, Andrzej Jawień e Stanisław Andrzej Gruda, para distingui-los de seus textos religiosos, publicados sob seu nome verdadeiro.”<sup>23</sup>

#### **4. Bispo, Concílio, arcebispo e papa**

Eis que em mil novecentos e cinquenta e oito, a vida do pastor e professor Karol Wojtyła estava para mudar, uma mudança não de caminho, mas talvez de intensidade. Uma carta endereçada de Roma chega até as mãos do primaz da Polônia, cardeal Stefan Wyszyński, conferindo-lhe a missão de entrar em contato com o sacerdote Wojtyła.

Assim, aos trinta e oito anos é nomeado bispo-auxiliar do arcebispo de Cracóvia, o então administrador apostólico Dom Eugeniusz Baziak, que estava ocupando provisoriamente o lugar do cardeal Sapieha, que veio a falecer. “Ouça, por favor: Por solicitação do arcebispo Baziak, estou designando o padre Karol Wojtyła como bispo-auxiliar de Cracóvia. Tenha a bondade de expressar seu acordo a essa designação.”

<sup>24</sup>

Sua consagração se deu no dia vinte e oito de setembro de cinquenta e oito, na catedral de Wawel, em Cracóvia. Um bispo jovem, que em breve iria participar de um novo ciclo da história da Igreja.

---

<sup>22</sup> FLAIBAM, Rodrigo C. Início da vida religiosa. Disponível em: < <http://www.jp2.org.br/especial/inicio-da-vida-religiosa> >. 2015.

<sup>23</sup> Ibidem, 2015

<sup>24</sup> BERNSTEIN, C.; POLITI M., *op cit*, p. 95.

O episcopado em nada muda os hábitos do bispo Wojtyla, porém intensifica a preocupação pastoral do jovem pastor com sua comunidade católica, retirando-lhe quaisquer brechas de descanso em seu dia-a-dia. “Os mais diversos depoimentos dão conta de que ele continua tão simples, tão aberto e tão espontâneo quanto antes.”<sup>25</sup>

O Concílio Vaticano II é aberto e todos os bispos da Igreja Católica são convocados a estarem presentes. Pio XII morre em cinquenta e oito ainda, no dia nove de outubro. Em vinte e oito de outubro é eleito o papa João XXIII.

“Menos de três meses depois, o novo Papa convocou um concílio ecumênico. Uma das cartas-convites, que foram dirigidas a todos os dois mil quinhentos e noventa e quatro bispos pelo mundo todo, foi para o jovem Karol Wojtyla”<sup>26</sup>

Uma de suas maiores preocupações era sobre a relação da Igreja Católica com o mundo moderno, e é sobre essa temática que bispo Karol realiza grandes considerações. Seria pelo esquema XIII (projeto da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, relativa ao assunto) que Wojtyla via a oportunidade da Igreja, ainda centrada em sua doutrina, apresentar um rosto mais atual para o mundo. “Para ele vale a pena investir nessa questão.”<sup>27</sup>

Já como arcebispo, em mil novecentos e sessenta e cinco, ano em que se encerraria o Concílio e com a redação final já preparada a cerca do projeto XIII e tendo o apoio do episcopado polonês, que o jovem bispo começa a chamar mais a atenção. Sua maior preocupação era falar da pessoa, de sua dignidade frente às ideologias. “Conclusão do futuro papa: é falando incansavelmente da pessoa, de sua dignidade, de seus direitos, que se pode tocar o principal ponto fraco do comunismo.”<sup>28</sup>

O Concílio se encerra e Karol já não é mais bispo-auxiliar, mas um jovem arcebispo para a Igreja metropolitana de Cracóvia. Sua nova titulação se deu no ano de mil novecentos e sessenta e três, e a notícia para nova missão. “É o papa Paulo VI em pessoa que o chama, de Roma, para lhe dar a notícia: ele foi nomeado arcebispo metropolitano de Cracóvia.”<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit.*, p. 179.

<sup>26</sup> BERNSTEIN, C.; POLITI M. *op cit.*, p. 97.

<sup>27</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit.*, p. 199.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 203.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 205.

A notícia ainda não é do conhecimento de todos, o que só aconteceria em mil novecentos e sessenta e quatro. Já familiarizado com a “casa”, o novo arcebispo em nada muda seus costumes; a agenda sempre cheia e horários apertados também permanecem. É sobre Cristo e sua Mãe – como bom mariano que era – que ele deposita a confiança para desempenhar o ofício de arcebispo.

“Em cartas aos seus diocesanos, com data de quarta-feira de Cinzas, o novo arcebispo fala de um grave sentimento de responsabilidade, que só não se transforma em sentimento de angústia” por sua “total confiança no Cristo e sua Mãe”.<sup>30</sup>

Sempre junto aos principais problemas de suas ovelhas, Karol Wojtyła no ano de sessenta e sete, recebe mais uma surpresa, como outras tantas iriam marcar sua vida: no dia vinte e um de junho, o arcebispo é promovido a cardeal da Igreja, o segundo para a Polônia.

Entre uma de suas maiores contribuições à Igreja de Cracóvia se encontra o Sínodo Arquidiocesano que realiza, para nortear a ação pastoral ali, bem como a aplicação do Concílio Vaticano II.

“No domingo, nove de abril de mil novecentos e setenta e dois, depois de um ano preparatório durante o qual confiou o estudo dos textos conciliares a comissões especiais, o arcebispo de Cracóvia determina a leitura em todas as igrejas de um sínodo pastoral arquidiocesano com duração de sete anos.” (Bernard, 246)

Seu desejo inicial é fomentar sínodos por todas as regiões da Polônia, mas o episcopado do país acaba por não abraçar a proposta, ficando a dinâmica pastoral reservada à sua Igreja local. A figura do jovem cardeal sempre foi muito aproximada à personalidade de Paulo VI, assim como o papa, ele era comunicativo, e detinha uma profunda capacidade para dialogar.

Com o caminhar da vida eclesial, o papa Paulo VI vem a falecer, fazendo recair um profundo luto sobre toda a Igreja, já que o pontificado de Paulo VI o marcou profundamente: foi o primeiro papa a realizar visitas apostólicas. Sua morte é datada de seis de agosto de mil novecentos e setenta e oito, na festa da Transfiguração do Senhor.

“Foi o papa do encerramento do concílio, das primeiras viagens apostólicas – antes dele nunca um papa havia tomado um avião – e de uma certa rigidez doutrinária, simbolizada pela tão contestada encíclica *Humanae Vitae* e pela reafirmação do princípio do celibato dos padres.”<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit.*, p. 207.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 289.

A notícia para Wojtyla é recebida durante suas férias, mas ele já começa a se aprontar, pois sabe que logo terá que partir para Roma, no conclave para a nova eleição ao sólio pontifício. Junto com ele, durante o vôo estão os governantes da Polônia e o primaz, cardeal Stefan Wyszynski.

A cerimônia de exéquias é realizada no dia doze de agosto, com a praça do Vaticano repleta por mais de cem mil pessoas que acompanham os funerais. “No dia doze de agosto a cerimônia de exéquias em torno do caixão de Giovanni Battista Montini, um simples caixão de madeira, presidida pelo cardeal Siri...”<sup>32</sup>

O conclave é aberto no dia vinte e cinco de agosto, e no quarto escrutínio a Igreja Católica tem um novo papa: Albino Luciani, de 67 anos, que homenageia seus imediatos predecessores com o nome de João Paulo. O que parece espantoso, se não fosse pela gravidade da notícia, o papa com trinta e três dias de pontificado vem a falecer. O papa sorriso, como era chamado, por sua postura sempre carismática, tem um infarto do miocárdio. A notícia apanha todos de surpresa, inclusive Wojtyla.

“Os depoimentos da época dão a entender que o cardeal Wojtyla ficou profundamente perturbado com a morte de João Paulo. Difícil deixar de notar o nervosismo num homem habitualmente tão calmo e equilibrado.”<sup>33</sup>

Os mesmos ritos solenes voltam a repetir-se; todos os cardeais devem voltar à Cidade Eterna a fim de elegerem um novo papa para, pela luz do Espírito Santo, guiar a Igreja de Cristo. O conclave é aberto no dia quatorze de outubro, pela tarde, mas o clima é de profundo pesar, diante da triste perda que ainda ressoa no coração dos purpurados.

“Mas o entusiasmo que se seguiu à eleição de João Paulo I, em agosto não é o mesmo. A morte do infeliz Luciani provocou um verdadeiro choque. O clima é de gravidade. Os rostos parecem fechados.”<sup>34</sup>São cento e onze o número de cardeais eleitores.

Nas idas e vindas da fumaça, os cardeais mostram que não entraram em um consenso. Por volta das dezoito horas do dia vinte e dois de outubro a fumaça aponta na chaminé; dessa vez, para a alegria de todos que estavam aguardando, é branca. “... a multidão comprimida na praça de São Pedro finalmente vê a fumaça começar a sair da chaminé da Capela Sistina: “Bianca! Bianca” Sim, desta vez a

---

<sup>32</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit.*, p. 290.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 297.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 299.



fumaça é branca.”<sup>35</sup>. A Igreja Católica tem na sua história em quatrocentos e cinquenta e cinco anos um papa não-italiano. Um papa jovem.

## 5. Suas contribuições

Na condução da Igreja, seu pontificado, o terceiro mais longo da história é marcado por incontáveis realizações, talvez por que não fosse apenas papa: “... aquele que reinou durante tanto tempo sobre a maior instituição do mundo foi também ator, poeta, jornalista e filósofo...”<sup>36</sup> Sempre atento à necessidade da Igreja universal, foi o papa que mais viajou em missões pontifícias, sempre tocando a cultura e a realidade local dos fiéis, sempre tocando a pessoa humana.

Na vida escrita da Igreja também deixou muitas obras. Foram quatorze encíclicas publicadas, quinze exortações apostólicas, quarenta e cinco cartas apostólicas e onze constituições apostólicas, sendo também por ele realizado dezoito “motu proprio”, segundo o próprio site do Vaticano.

Mas sem desmerecer toda a sua intelectualidade mostrada em seu trabalho pastoral ao longo de seu pontificado, é valioso evidenciar suas obras, anteriores ao papado. É importante frisar suas obras acadêmicas, sua aproximação da Teologia com a tese de doutorado sobre a “Doutrina da Fé em São João da Cruz.”

Na filosofia foi o campo em que melhor procurou desbravar e auxiliar com suas reflexões. Após um importante contato com a Fenomenologia de Husserl, a Ética de Max Scheler e inspirado na pessoa humana, sua maior paixão, o acadêmico Karol escreve *Osaba i czyn*, em português intitulada de *Pessoa e Ação*. É sobre essa importante obra que grande parte dos filósofos e investigadores contemporâneos irão concentrar seus estudos. É também nessa obra que percebemos o profundo amor de Karol Wojtyła para com a pessoa, o ser pessoa.

---

<sup>35</sup> LECOMTE, Bernard, *op. cit.*, p. 303.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 263.

## II CAPÍTULO – AS FONTES FILOSÓFICAS DE KAROL WOJTYLA

### 1. O início do personalismo

Hoje em dia, existe um grande desconhecimento sobre a pessoa humana. Os meios de comunicação não transmitem corretamente o que de fato é a pessoa, em seu modo integral.

Muitas vezes, entre as próprias disciplinas de humanidades lecionadas em nossos espaços acadêmicos, não se busca mais o conhecimento acerca da integralidade da pessoa, mas apenas a constituição de departamentos, que estudam isoladamente o que seria o homem ou até mesmo sua simples funcionalidade, suas reações e ações, em um campo estritamente limitado e incompleto. Isso ocorre, muitas vezes, em áreas importantes como: saúde, psicologia e educação.

Ao deparar-se com as limitações da nossa própria humanidade, e ao perguntar-se sobre a natureza do homem, busca-se encontrar respostas sobre a própria vida, a própria identidade, o que torna o homem semelhante uns para com os outros em uma comunidade. É o personalismo, um caminho filosófico, que será capaz de auxiliar na obtenção de respostas, favorecendo uma comunhão entre todo um conjunto, presente em cada pessoa.

Muitos foram os filósofos que se lançaram nessa busca.

“A participação de um impressionante conjunto de personalidades, contribui de forma decisiva para transformar o movimento personalista em filosofia poderosa.”<sup>37</sup>

O pai de toda essa corrente filosófica foi Emanuel Mounier. Tantos outros também realizaram suas contribuições, tornando o personalismo algo próximo, acessível e investigativo aos pensadores posteriores desta corrente.

“Mounier, de fato, foi capaz de agrupar numerosos intelectuais neste projeto inovador e específico as chaves filosóficas fundamentais que deveriam reger a filosofia personalista. O ponto central girava em torno de um renovado conceito de pessoa que assumia a tradição que remonta a

---

<sup>37</sup> BURGOS, Juan M., ¿Qué es el personalismo? Disponível em: < <http://www.personalismo.org/filosofia-personalista/> >. 2009.

aparição do cristianismo, mas modificada e atualizada pelo surgimento de muitos elementos da filosofia moderna...”<sup>38</sup>

É importante ressaltar, que a base de toda essa investigação tem como ponto central a antropologia, o que o homem é em si, em sua identidade.

“Em primeiro lugar, o elemento chave que define a filosofia personalista é que o conceito de pessoa constitui o elemento central da antropologia.”<sup>39</sup>

Percorrendo o método que investiga a pessoa do homem, consegue-se perceber que o personalismo é uma área da filosofia que dialoga com a maneira moderna de pensar, mas que não abandona suas bases e suas raízes. O personalismo fala do homem para o próprio homem, e todo esse caminho é instigante. É uma corrente que busca dar respostas aos anseios. “O tema do homem, na contemporaneidade, é, de fato, objeto de aguda atenção.”<sup>40</sup>

Alguns segmentos da filosofia personalista, como a centralidade da pessoa, sua afetividade, sua relação interpessoal, sua relação com o próprio corpo, a sua experiência, bem como o caráter social, ético, solidário e sua abertura à transcendência, serão abordados por Karol Wojtyła em sua obra *Pessoa e Ação*.

“O mistério do homem se revela na pessoa. Algumas palavras, como incomunibilidade, doação, liberdade, são usadas para se aproximar do ser humano.”<sup>41</sup>

Todos esses conjuntos de aplicações acompanham, de modo mais enfático, ou não, os filósofos personalistas. Uns focaram em pontos mais específicos, outros foram mais abrangentes, como no caso de Karol Wojtyła, que procurou realizar toda essa composição personalista em seu pensamento, oferecendo também sua contribuição.

“Neste momento, as principais linhas de trabalho se centram em um esforço de difusão dos conteúdos antropológicos, descobertas e pressupostos pela primeira geração dos personalistas; a fundamentação e sistematização desses conteúdos antropológicos e, por último, a aplicação as novas áreas de conhecimento...”<sup>42</sup>

Como método constitutivo, a filosofia personalista rejeita qualquer apontamento claro ou evidente, uma vez que ela mesma não pode ser descrita de

---

<sup>38</sup> BURGOS, Juan M. *op. cit.*, 2009.

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> Ibidem.

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> Ibidem.

forma tão definitiva. Há algo no homem que escapa à observação exterior, é algo que ele carrega consigo, de forma introspectiva, que se revela e se forma, mas que não pode ser interpretada de maneira tão sistemática. A filosofia personalista não quer tocar no homem e nem falar do homem, ela quer conhecer a pessoa, o “ser” pessoa.

Wojtyla precisa ir ao encontro de filósofos que falam do homem, que são anteriores ao personalismo, mas que muito contribuíram para a compreensão do conceito de pessoa.

## **2. O homem como pessoa no desenvolvimento da filosofia**

Continuador de todo o conteúdo personalista que conheceu e, posteriormente, sendo capaz de aplicar a teoria de sua vida acadêmica à prática, principalmente em seu pastoreio, seja na Polônia ou no Vaticano, Wojtyla foi amante da pessoa, no sentido mais puro da palavra.

Se for necessário recorrer aos sinais dos tempos em que ele se encontrava inserido, como já apresentado no primeiro capítulo, observa-se que ele teria todas as condições possíveis para ir contra o seu próprio modo de pensar e viver. Um jovem que, na conclusão de sua vida acadêmica, é marcado por ideologias extremistas e ao ver toda a sua família morrer, teria todas as justificativas para odiar as pessoas ou os grupos sociais, onde todos os homens se encontram inseridos. Eis aí a diferença de Wojtyla, que marcado por sinais de incredulidade e desamor, acaba intensificando sua vida de oração pessoal, e sua vida intelectual para apressar que as pessoas, na medida em que não se veem como indivíduos apenas, são capazes de transformar catástrofes em importantes aprendizados, que, com o decorrer de boas escolhas e bons relacionamentos, são passíveis de serem superados.

A palavra que mais simboliza o ciclo que vivem os homens nos dias de hoje é individualismo, que carrega em si uma ampla capacidade de singularidade, embora também se constitua como solidão, na qual um indivíduo coloca-se como superior aos demais. Dessa palavra derivam outras, e todo esse vocabulário se instaurou nas relações humanas, seja no ambiente educacional, profissional ou doméstico. “A concepção do homem que, pelo contrário, se difundiu na época moderna e se impôs

na contemporânea é individualista, e centra-se na singularidade do homem como indivíduo.”<sup>43</sup>

Tornar uma pessoa, cujos significados serão vistos adiante, um indivíduo, é retirar dela a capacidade humanizadora que ele próprio detém. É aniquilar também toda a sua personalidade, as suas capacidades. A essência que a pessoa carrega em si é aniquilada, sua natureza é destruída.

“Trata-se de uma concepção apersonalista ou até anti-personalista, que se opõe à própria essência do homem como pessoa, dado que está inscrito na própria natureza do homem a relação estrutural com os outros.”<sup>44</sup>

É extremamente valioso buscar a definição de pessoa, que possui os seguintes significados:

“Com origem do grego prósopon, e no latim persona. No sentido mais comum do termo o homem em suas relações com o mundo ou consigo mesmo. No sentido mais geral (porquanto essa palavra foi aplicada também a Deus), um sujeito de relações. É possível distinguir as seguintes fases desse conceito: 1ª função e relação-substância; 2ª auto-revelação (relação consigo mesmo); 3ª heterorrelação (relação com o mundo).”<sup>45</sup>

Os gregos ao se referirem a “prósopon” estavam aplicando o conceito a suas vivências no âmbito da tragédia grega, as máscaras que atribuíam personalidade sobre a tragédia encenada. BURGOS, Juan M. ¿QUÉ ES EL PERSONALISMO? Disponível em: <http://www.personalismo.org/filosofia-personalista/>. 2009.

Na filosofia, com a discussão em uma perspectiva religiosa, o termo pessoa passa a ter conotação de racionalidade, e se sublinha aos estóicos que utilizavam a palavra para designar os papéis que homem exercia em sua vida. A noção de pessoa também acabou sendo usada para se referir à trindade, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Muitos padres da Igreja deram consideráveis interpretações, já que o que estava em jogo era a fé, era santíssima trindade, o próprio Deus, como expressão de uma comunhão em três pessoas de natureza divina. “Por isso, a noção de Pessoa revelou-se útil quando foi preciso expressar as relações entre Deus e o Cristo...”<sup>46</sup> A discussão foi longa e muitos foram acusados como hereges. Uma heresia que foi fortemente combatida no segundo século foi a do Modalismo, heresia trinitária, que se refere que Deus utilizava máscaras, distintos modos de

---

<sup>43</sup> REALE, Giovanni. Disponível em:<http://www.cliturgica.org/portal/artigo.php?id=4> .

<sup>44</sup> REALE, Giovanni. Disponível em:<http://www.cliturgica.org/portal/artigo.php?id=4> .

<sup>45</sup> ABBAGNANNO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 761.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 671.

manifestação. Deus nesta heresia só pode ser um modo de cada vez, às vezes está no Filho, no Espírito ou no modo do Pai, daí o nome modalismo.

Pessoa caminha junto à substancialidade. Boécio, amparado nas definições dos Santos Padres empregará a pessoa, sua significação que mais foi acordado entre as discussões, aqui já em um âmbito antropológico. “Boécio dava a definição de Pessoa que se tornou clássica em toda a Idade Média: P. é a substância individual de natureza racional.”<sup>47</sup>

São Tomás de Aquino, tão estudado por Wojtyła, acabou concordando com Boécio, mas notou que em tal significação ficou excluída a compreensão de relação. Ser pessoa é ser relação.

Em um segundo caminhar e com novos filósofos, a noção de pessoa foi novamente alterada. Descartes significou pessoa como um “Eu de consciência”. “... é analisado, sobretudo no que se refere àquilo que se chama de identidade pessoal, ou seja, unidade e continuidade da vida consciente do Eu.”<sup>48</sup>

Há em Karol uma profunda vontade de negar a Filosofia Cartesiana, que diz que uma pessoa só pode se perceber pelo *cogito*, sendo um ser que pensa. Para o polonês, o *cogito* não se justifica, pois se esquece de se auto-conhecer, pois, segundo ele, para que haja consciência, deve-se ter auto conhecimento. Claro que outros filósofos se recusaram a concordar também com tal definição, uma vez que reduzir a pessoa apenas a sua consciência era retirar desse conceito a noção de relação. Há, ainda, alguns filósofos que vão sustentar essa segunda definição, mas a que prevalece ainda remete a Boécio. A última que se apresenta na sequência ainda carrega esse conceito:

“A consideração da P? como unidade individual, com a qual lida no domínio considerado por essas ciências, corresponde à mesma determinação conceitual do termo como agente moral, sujeito de direitos civis e políticos, ou em geral, membro de um grupo social. *O homem é P. porque, nos papéis que desempenha, é essencialmente definido por suas relações com os outros.*”<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup>ABBAGNANNO, Nicola, *op. cit.*, p. 761.

<sup>48</sup>Ibidem, p. 762.

<sup>49</sup>Ibidem, p. 763.

Ser pessoa é ser essencialmente um ser de relações e como nesse o próprio homem está inserido em um grupo, ele torna sua humanidade ainda mais atrelada a sua personalidade, uma vez que se relaciona, já que é pessoa.

### **3. O Tomismo**

O personalismo de Karol encontra-se totalmente amparado na filosofia Aristotélico-tomista, uma corrente da filosofia que procurara estreitar o pensamento de Aristóteles com a filosofia cristã medieval, e na Fenomenologia de Max Scheler, em um caminho ético, como se verá.

O conceito de metafísica primeira e a teoria acerca da substância foram espaços de investigação a que Aristóteles dedicou grandes considerações. A busca sobre a verdade é sempre um importante caminho. O que determina a verdade? A verdade encontra-se estabelecida no ser, naquilo que é. Logo, a primeira filosofia, a metafísica, consiste em uma ontologia sobre a verdade. Isso torna o ser projetado em um âmbito prático, que através da antropologia e da própria ética, Karol investigará em sua jornada do pensar.

Para o autor, o problema sobre o homem se constitui em um problema da má interpretação de sua ontologia, do seu ser. É por isso que ele recorre à filosofia primeira, para adequar novamente a interpretação vista a partir do próprio ser do homem. Na medida em que o homem se questiona sobre o seu ser, ele terá que encontrar um fundamento que não repousa no próprio homem, chegando, assim, à conclusão de que um ser absoluto sustenta o seu próprio ser. “Para Wojtyła, a única maneira adequada de responder a essa questão consiste em realizar a pergunta radical sobre o ser que encontra sua explicação no caráter absoluto do Ser.”<sup>50</sup>

Uma vez instigada a investigação do polonês sobre a ontologia do homem, será importante contar com o auxílio da fenomenologia, pois será essa corrente que fará as primeiras investigações sobre as ações dos homens, sobre o estudo dos fenômenos.

### **4. A fenomenologia ética de Max Scheler**

---

<sup>50</sup> BURGOS, Juan M. *op. cit.*, 2003. p. 23.

Max Scheler, conhecido como o filósofo dos valores, realiza consideráveis contribuições no campo da fenomenologia que tem Husserl como desbravador primeiro.

Para a fenomenologia, tudo aquilo que se apresenta é passível de investigação, isso em uma definição tomada como comum entre os filósofos. A fenomenologia de Scheler não concorda totalmente com essa comum consideração. Segundo ele, muitos aspectos, inclusive aspectos afetivos, não se encontram inseridos nessa exterioridade que a fenomenologia tanto diz ser o caminho de respostas. Esses afetos, posteriormente, se compõem em valores, sendo, assim, uma nova região do homem, do seu ser. “O descobrimento mais famoso de Scheler é de que certos tipos de atos afetivos (que ele chama de “sentir intencional”)...”<sup>51</sup>

Essa nova região não é acessível de maneira lógica, senão por meio das emoções das pessoas. Mas isso não quer dizer que essa seja uma região desorganizada. Até mesmo as emoções, segundo Scheler, encontram-se hierarquizadas, ordenadas, então são passíveis de conhecimento “... seu objetivo é buscar a verdade, e não fabricá-la.”<sup>52</sup>

Os rumos que Scheler toma com a fenomenologia, herdada por Husserl, é de aplicar a fenomenologia a uma orientação realista, o que lhe dará maior aparato para compreender e analisar os conteúdos emocionais, já que seu inspirador, Husserl, buscou apenas conteúdos emocionais como uma natureza puramente irracional, idealista.

“Um dos pontos que marcam mais profundamente a diferença e o distanciamento de M. Scheler em relação a Husserl é a orientação realista que ele dá à fenomenologia, em oposição ao idealismo do mestre.”<sup>53</sup>

Já que há um caminho aberto por Scheler para a experiência real nos campos estéticos, morais e religiosos, Wojtyła se aproximará de seu pensamento, uma vez que as ações que os homens realizam são movidas por emoções, que não se encontram no exterior, mas no centro da ação. Se Wojtyła quer tratar da experiência do ser da pessoa em sua subjetividade, é pela via realista, aberta por Scheler, como uma região de valores hierarquizados, que ele realizará seus estudos. “Karol Wojtyła

---

<sup>51</sup> MORENO, José L. M. La raíz fenomenológica de Karol Wojtyła: método, consciencia y subjetividad. Dissertação Múrcia: Universidade de Múrcia (Doutorado em Filosofia). p. 70.

<sup>52</sup> COSTA, José S. Max Scheler o personalismo ético. São Paulo: Editora Moderna, 1996, p. 70.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 15-16.



quer estabelecer um laço entre a objetividade e a subjetividade do homem.”<sup>54</sup> Os valores, a ética, são então aparatos de sua filosofia, que de Scheler irá receber tais contribuições. Porém, não é em todo o pensamento de Scheler que Wojtyla concorda. Ele quer sempre buscar a integralidade da pessoa. Ver a pessoa humana em toda a sua complexidade e riqueza, concretizada na experiência advinda de sua ação.

## **5. A experiência como ponto de partida**

Logo na introdução de *Pessoa e Ação*, Karol Wojtyla percorre um caminho bem delineado. Partindo sobre a compreensão de que a experiência é um processo cognoscitivo do homem, faz-se necessário esclarecer o caminho desse movimento. Sempre que o homem faz experiência com algo que se encontra fora dele, ele também realiza experiência de si mesmo, já que para que haja o contato externo com os objetos o interior do próprio homem também precisa experimentar-se. “Se trata da experiência mais rica, e provavelmente a mais complexa, entre todas as que o homem tem ao seu alcance”<sup>55</sup>

Ao referir-se a essa experiência que o homem realiza de si mesmo, Wojtyla nota ser preciso expressar que esse caminho é percorrido de modo cognoscitivo. Ao se reconhecer como objeto, o homem toma como base ele mesmo como uma composição real de dados sensoriais e uma sucessão de conjuntos semelhantes a esses dados. A experiência do homem é a experiência do eu, que dura todo o tempo em que se é mantida a relação cognitiva, onde o eu é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto. Esse contato é sempre contínuo, justificando assim que a experiência permanece no próprio homem.

“E, sem dúvida, o homem está de maneira contínua em contato consigo mesmo; de modo que a experiência de si mesmo perdura de algum modo. E nela se pode encontrar momentos de maior ou menor clareza mas todos esses constituem-se o conjunto particular de experiências deste homem que sou eu.”<sup>56</sup>

O homem jamais será capaz de conhecer, de interagir, se ficar alojado em si mesmo. Assim, percebe-se que o autor já apresenta a experiência como uma ação a ser desenvolvida em comunidade – do homem que sou eu para o homem que é o

---

<sup>54</sup> SILVA, Paulo C. A antropologia personalista de Karol Wojtyla, 2005, p. 27

<sup>55</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona y acción*. Madrid: Ediciones Palabra, 2014, p. 31.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 31-32.

outro. Essa experiência do outro não coloca o próprio homem em contato com todos os objetos, mas a quantidade desse relacionamento será capaz de agregar no próprio homem, mais ou menos experiências, do coletivo. Logo, a experiência é a base do conhecimento do homem.

Sendo mútuo, o relacionamento entre a experiência interna e externa resulta na compreensão que o homem tem de si mesmo. Karol coloca que essas experiências são diferentes, mas não são separáveis. No conhecimento total, integral, elas se fortalecem num efeito de complementação, quando uma acaba por colaborar com a outra. Ainda assim, o autor deixa claro que em um primeiro percurso não está muito preocupado em explicar o particular e o coletivo, mas, sim, em deixar clara a compreensão sobre a experiência do homem.

“Para as nossas atuais considerações e também para as que mais a frente se encontraram neste livro, tem uma enorme importância o fato de que os outros homens que são objeto de experiência, e são de maneira diferente de como eu sou para mim mesmo...”<sup>57</sup>

Na medida em que o homem realiza experiência com o outro, esse caminho se encontra sempre em uma via exterior, logo, é uma experiência exterior que o homem realiza fora de si mesmo. Uma vez que essa experiência é realizada, elas não são as mesmas entre os diferentes homens, objetos. O homem, ao realizar experiência frente ao outro, logrará um resultado distinto da experiência que o outro homem tem de si mesmo. Cada um carrega em si suas próprias características empíricas das ações.

“As vezes, este saber, que se fundamenta em alguns contatos concretos, se convertem em uma espécie de experiência interior do outro, que não é igual a experiência do interior do próprio eu, mas que tem também suas próprias características empíricas.”<sup>58</sup>

Torna-se, então, mais evidente a simultaneidade dos aspectos interiores e exteriores do homem.

É desse modo que vamos conhecer a expressão de ser pessoa dos homens. Uma vez que o homem age, pode-se concluir que ele atua, e essas ações são um grande grupo de experiências. Então, é pela experiência dos homens que o próprio homem é capaz de se aprofundar em si mesmo; o homem detém, dessa forma, uma

---

<sup>57</sup> WOJTYLA, Karol, *op. cit.*, p. 32.

<sup>58</sup>Ibidem, p. 37.

experiência que deriva de outras experiências. Conclui-se, evidentemente, que o caminho a ser traçado por Karol Wojtyła, em *Pessoa e Ação*, não será o de colocar o a pessoa como a finalidade, mas procurar estudar a ação, uma vez que, de modo experiencial, será ela que revelará a pessoa em si. É analisando as ações da pessoa que ele procurará chegar à essência do ser dela mesma.

“Pois a natureza da correlação que emerge na experiência, na verdade o homem atua, é que a ação constitui um momento privilegiado de revelação da pessoa, que nos permite analisar muito adequadamente sua essência e compreendê-la da maneira mais completa. Experimentamos que o homem é pessoa, e estamos convencidos disso porque realiza ações.”<sup>59</sup>

Sem a experiência, que é o pressuposto fundamental de todo o processo, o caminho de investigação não aconteceria. Mas é evidente que muitos são os conceitos abordados pelo filósofo personalista em sua obra mestra, inclusive sobre a própria experiência, uma vez que Wojtyła defende que não se faz experiência apenas dos fenômenos corpóreos, de uma pessoa com a outra, mas também realiza-se experiência no campo estético, moral e religioso.

É na consciência da pessoa que toda essa experiência, constituída de experiências, irão se situar.

---

<sup>59</sup> WOJTYLA, Karol, *op. cit.*, p. 42.

### III CAPÍTULO – KAROL: O FILÓSOFO DA PESSOA

#### 1. A consciência

Nenhuma defesa é fácil e suficientemente justa, quando se encontra pronta para ser refutada, principalmente no que diz respeito ao campo acadêmico, ainda mais, quando se refere à filosofia com meios personalistas. Fundamentar um caminho que seja coerente e que se sustente não é fácil. Tal preocupação, sem dúvida alguma, perscrutou o pensamento de Wojtyła que salientou que sim, ainda havia muitos campos da filosofia personalista, muitos desafios que envolviam os homens.

“A oportunidade da pesquisa sobre a compreensão da pessoa, segundo Karol Wojtyła, também se encontra no fato de que o problema que o homem é, em nosso tempo, objeto de importantes correntes...”<sup>60</sup>

Tendo a experiência como ponto de partida, apresentada neste trabalho no último trecho do segundo capítulo, será a partir de agora analisada pormenorizadamente a construção do pensamento do filósofo polonês, que, gradualmente, completar-se-á, gerando integração entre todas as suas ramificações.

A consciência é um elemento constitutivo na pessoa humana. É ela quem auxilia toda a operatividade diante das ações realizadas pela pessoa. A ação humana, proveniente da experiência, precisa ser interpretada, e é aí que entra o dinamismo da consciência. Na medida em que a ação do homem é realizada, ela precisa ser alocada em um ambiente; surge então a compreensão bruta da consciência. É a consciência que, mediante a operatividade da pessoa, tornará esse saber frente ao objeto experienciado um saber compreendido. A consciência, então, ocorre simultaneamente à ação do homem.

Para fugir de qualquer apontamento acerca de uma consciência vazia, o filósofo contemporâneo deixa claro que o estudo repousa sobre a consciência, que é fruto da ação, da operação do homem, de maneira contínua e dinâmica, já que, se porventura repousasse em um campo de abstração, esse espaço não seria passível de compreensão, e nem de estudo. Lançar uma teoria para uma vida da subjetividade pode acabar gerando as interpretações errôneas. “Aqui não tentaremos nos ocupar em uma consciência abstrata, mas em estrita conjunção com

---

<sup>60</sup> SILVA, Paulo C. *op. cit.*, p 19.

o dinamismo da operatividade, tal como na realidade e na experiência dos homens...”<sup>61</sup>

Ainda que a função da consciência possa estar estritamente vinculada à ação da pessoa, ela não carrega em si um caráter de intenção, mas o próprio Karol não nega que ter consciência, é sempre ter consciência de algo, de algum objeto. “O homem, segundo esta concepção existe e atua conscientemente, mas seu ser e sua ação não têm sua origem na consciência.”<sup>62</sup>

Aqui vai ficando mais claro que a consciência possui duas considerações destacadas pelo polonês. Ela é capaz de interiorizar a vivência, a experiência realizada, e, mediante a isso, contribuir para a reflexão. Assim, ela possui sua importância, mas não se encontra independente ou autônoma, distante de todo o trabalho empregado pelos demais filósofos. “O sentido da palavra consciência, que Karol Wojtyła emprega, não é o dos fenomenólogos. Pode-se afirmar que a consciência também tem a função de refletir.”<sup>63</sup>

É valioso ressaltar a dupla função que a consciência possui. Na medida em que a experiência é o meio de encontro para a consciência, aí já se encontra sua dupla função. A consciência permite que a pessoa experimente sua experiência de maneira objetiva, mas também de maneira subjetiva, uma vez que ao realizar a experiência com o mundo objetivo o homem também faz, também conhece a si mesmo. A função reflexiva que a consciência detém, em nada pode confundir essa dupla função. É graças a essa dupla função da consciência que o eu irá se explorar, se conhecer na experiência.

“Deste modo se sobrepõem entre si, e si distingue sutilmente, por exemplo, a paisagem das montanhas refletidas cognoscitivamenteem nossa consciência e essa mesma paisagem experimentada interiormente por nós sobre a base deste reflexo.”<sup>64</sup>

Quando Karol considera a função subjetiva da consciência, tem-na sempre em um caminho de reflexão; mesmo sendo algo pessoal, sua concatenação e suas respostas sempre se expressarão no âmbito objetivo. É aqui que se nota o movimento que o jovem filósofo realiza. Quando a fenomenologia se atentou em

---

<sup>61</sup> WOJTYLA, Karol. *op. cit*, p. 67.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 69.

<sup>63</sup> SILVA, Paulo C. *op. cit*, p 31.

<sup>64</sup> WOJTYLA, Karol. *op. cit*, p. 87.

estudar o objeto e sua aparição, deixou abandonada a interioridade, ação que tem um trilhar subjetivo, mas que ainda se encontra totalmente amparada no objeto como tal. A subjetividade é um refletir da objetividade da ação, dos próprios objetos. Uma vez também que será nesta subjetividade que o eu, o ser pessoal, irá se realizar. “Desta maneira, o eu é realmente um sujeito que vivencia sua própria subjetividade, quer dizer, se constitui simultaneamente no âmbito da consciência.”<sup>65</sup>

Todas as experiências que encontram abrigo na consciência da pessoa são detentoras de uma liberdade. Essa liberdade é fonte dinâmica do agir do sujeito, de um agir que será sempre situado na consciência.

## **2. A liberdade como fonte do dinamismo do sujeito**

Um sujeito que seja livre em suas experiências é capaz de se autoconhecer. Aí se encontram duas vias importantes no dinamismo do próprio homem. Atuar e ocorrer são duas ações que se distinguem totalmente frente à ação da pessoa. Se eu atuo, sou o protagonista da ação, porém, se a ação ocorre, serei aquele que receberá os resultados. Uma acontece de maneira ativa, já que é o sujeito quem determina, a outra é o momento em que o sujeito é determinado, recebe a ação. “O homem, uma vez que começa a existir como indivíduo subsistente, cada vez que faz algo ou se sucede a algo, isto é, mediante as formas de dinamismo específico, se faz mais algo, em certo modo, mais alguém.”<sup>66</sup>

Sempre haverá nas distintas formas de recepção da ação o dinamismo do sujeito. A ação ou ocorrerá no homem ou ao homem, mas nada altera a livre movimentação do sujeito. Sendo assim, diferentes serão os fatores que empregarão sobre o homem as respostas para suas atividades. A liberdade então fica acompanhada da espontaneidade, que configura no sujeito a percepção consciente das ações, que recebe e que realiza.

Karol ainda destaca que a noção de ato para Aristóteles e para São Tomás, não era tomada como ação, tal definição foi utilizada secundariamente, ato em uma definição clássica na filosofia está vinculado à potência. É no ato que a potência se realiza.

---

<sup>65</sup> WOJTYLA, Karol. *op. cit.*, p. 90.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 159.

### 3. A autodeterminação na estrutura da pessoa

Tendo observado a importância da liberdade no dinamismo das ações da pessoa, é importante destacar as questões acerca da capacidade de se autodeterminar que a pessoa possui, sendo ainda mais integrada a capacidade de formação na ação. Ser livre é ser detentor de escolha: “posso, mas não tenho que.”<sup>67</sup> Eis aí, nesta pequena frase, a maior manifestação da liberdade, a vontade.

Cada ato realizado pelo homem manifesta a vontade. Fica ainda mais evidente, então, que, na medida em que o homem escolhe agir, se constitui das ações e se realiza, sendo uma dupla constituição, escolher agir, fruto de uma vontade livre, escolhe também se formar, de maneira subjetiva.

“Cada ato confirma de forma concreta esta relação, onde a vontade se revela como propriedade da pessoa; e a pessoa, por sua vez, como realidade que se constitui propriamente pela vontade desde o ponto de vista de seu dinamismo. Definimos essa relação como autodeterminação.”<sup>68</sup>

Uma vez que a autodeterminação está fundada, ela não se sustenta sozinha. É necessário, nesse momento, um autodomínio das ações, uma vez que não basta apenas querer, é necessário dominar-se frente aos desejos e aos desafios. Aqui fica ainda mais evidente a capacidade que a filosofia de Karol tem em justificar a ação do homem, como uma ação moral. Não basta querer, se não há um controle sobre si, um autodomínio, não haverá liberdade, não haverá autodeterminação, uma vez que eu sempre serei levado, de forma obrigatória, a responder com ações a fatores instintivos a provocações. É necessário que haja um controle. Sem o domínio, a vontade pode não ser controlada, não sendo verdadeiramente querer.

“A simples vivência “eu quero” não pode ser interpretada corretamente num conjunto dinâmico do homem, se não consideramos nela a específica e exclusiva complexidade própria da pessoa, que introduz a auto-possessão. Somente sobre essa base é possível a autodeterminação, e cada quero verdadeiramente humano é precisamente tal autodeterminação.”

Só pode verdadeiramente escolher, quem de fato se possui; assim, é capaz de dizer não às tentações, às contrariedades. Só se decide sobre si mesmo quem se possui, obtendo uma vontade livre, desprendida de qualquer forma de invasão à liberdade.

---

<sup>67</sup> WOJTYLA, Karol. *op. cit*, p. 167.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 167.

Para que se possa, então, se autodominar, é necessário se auto possuir. Uma, para que possa amparar a outra, precisará sempre estar de forma concreta independente a fatores objetivos. Logo, a vontade no homem é sempre uma vontade que passa pelo domínio de si, pela auto possessão e uma determinação plena.

As experiências podem ou não ser determinadas pelo próprio homem, de maneira ativa, mas caso ela não ocorra deste modo, a recepção que é passiva será capaz de filtrar a esses resultados; assim retorna então a dupla função da consciência que age como objetiva e subjetiva. Caso a ação que ocorre, que eu sofro, não é algo que eu gostaria de experienciar, a minha consciência será capaz de neutralizar dificuldades e meu autodomínio responderá da maneira que eu livremente achar mais devido. Mas todo esse movimento se encontra totalmente escorado na experiência, na consciência e na vontade presentes na estrutura do homem. Fica então caracterizada integração da autodeterminação com a vontade.

“Cada autodeterminação atual realiza a subjetividade do autodomínio e da auto possessão, e em cada uma destas relações, estruturais intrapessoais corresponde a pessoa como sujeito (como quem domina e possui) a pessoa como objeto (como quem a ela domina e possui).”<sup>69</sup>

Há também um caráter a ser destacado: volição. A autodeterminação carrega consigo também a volição, que é a capacidade de escolha, frente às opções, às oportunidades. A volição significa também um penetrante encontro consigo mesmo, tornando a autodeterminação ainda mais atrelada ao próprio eu do homem. “A objetivação essencial para a autodeterminação surge junto com a intencionalidade de cada volição. Quando quero qualquer coisa, me determino a mim mesmo.”<sup>70</sup>

A autodeterminação que a pessoa detém é manifestada por que na própria pessoa repousa uma vontade livre, que sempre direciona a pessoa a ação.

#### **4. Vontade livre: transcendência da pessoa na ação**

Todas as considerações que por ora já foram realizadas, levam a culminar a liberdade da vontade como sendo uma via fundamental para o aprofundamento da ação e da pessoa. Uma vez que a liberdade se identifica com os conceitos já abordados, é ela uma palavra que carrega em si um sentido de vontade, aqui neste momento uma vontade livre, uma vontade real na vida do homem, uma liberdade

---

<sup>69</sup> WOJTYLA, Karol. *op. cit.*, p. 171.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 172.



verdadeira. “Se trata da liberdade como realidade, se trata da liberdade como uma propriedade real do homem e também um atributo real da vontade.”<sup>71</sup>

É valioso, neste caminho, retornar a uma aproximação já realizada. É a liberdade atrelada à vontade que sustenta a experiência do homem. Neste âmbito uma experiência realista, que se opõe a qualquer definição idealista. Uma vez que falta ao sujeito o acesso a sua autodeterminação, falta nele também a liberdade.

É agora também que Wojtyla começa a apresentar as diferenças entre o conceito de indivíduo e o de pessoa. Sobre o conceito de indivíduo está a conclusão de que é um ser limitado, que sempre é regido, governado. Na pessoa isso não ocorre, pois suas experiências são frutos de uma autodeterminação, sendo a própria pessoa a governante de si mesma, possuidora de si. “A estrutura do indivíduo é distinta da estrutura da pessoa.”<sup>72</sup>

E onde será que repousa a transcendência da pessoa? É importante salientar a compreensão de Karol Wojtyla sobre o conceito de transcendência:

“O termo transcendência indica etimologicamente frequentar alguma fronteira. E neste lugar pode tratar-se de atravessar os limites do sujeito em direção ao objeto, como se sucede de maneiras diversas e os chamamos de atos intencionais.”<sup>73</sup>

Pode-se definir transcendência como os limites, as fronteiras, entre o sujeito e o objeto. Isso só ocorre graças à autodeterminação presente no homem, que, sustentada pela livre vontade, é capaz de ocorrer. Na medida em que o homem busca ir até o objeto e realiza experiência, ele transcende a si mesmo ao objeto, o homem não é objeto, mas conhece o objeto, pois experienciou o objeto, superando a si mesmo e o objeto. O homem é o primeiro objeto a ser objetivado, mas não um objeto vazio, ele é detentor de consciência, de volição, ele reconhece-se como caminho, como meio da experiência, para que essa mesma experiência possa ajudar em sua auto formação livre. “Para ser livre, é necessário que constituamos um eu concreto que seja simultaneamente sujeito e primeiro objeto sobre o que decidamos com um ato da vontade.”<sup>74</sup>

---

<sup>71</sup> WOJTYLA, Karol. *op. cit*, p. 181.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 184.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 184.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 189.

Transcender é ir até o limite da ação e se colocar como objeto, pois, na medida em que o homem realiza a experiência das coisas, também realiza a experiência de si mesmo, colocando-se como um objeto também, capaz de se experienciar no próprio objeto das experiências e a si mesmo. É aqui que se pode notar um grande passo na filosofia de Karol Wojtyła. Ser pessoa é ser comunhão, pois, na medida em que me reconheço na comunidade, me conheço e me formo, auxiliando também na formação de todas as outras pessoas.

A relação das pessoas será sempre ajuizada por uma elaboração de valores, que são fonte de uma liberdade que se autodetermina.

## **5. A elaboração dos valores e seus juízos**

Na medida em que se vai realizando juízo frente às ações, se cria uma nova análise. Uma vez que a vontade contém em si a capacidade de livre escolher, se encontra então estabelecido uma categorização de juízos, de experiências, de determinações. Entra em cena o bem, a verdade.

Como já apresentado, as escolhas, a decisão que o homem realiza, depende da faculdade da vontade. O problema, como nos apresenta o autor, é que ela não depende somente de si mesma para que ocorra de maneira efetiva, ela também irá necessitar do pensamento, da capacidade de pensar do homem, para que juntas possam efetivar. Toda decisão que a pessoa precisar tomar, terá sempre grande influência em seu próprio dinamismo. “A constatação dessa capacidade ativa, dinâmica de responder aos valores, como uma característica da vontade, aponta, mais que uma analogia entre a vontade e o pensamento, a natureza mesma da vontade.”<sup>75</sup>

Uma vez que penso para tomar uma decisão, estou construindo um juízo. Segundo o polonês, com o juízo e no juízo o homem terá a experiência de si mesmo, na medida em que for agente da ação, como um autoconhecimento, aqui equilibrando pensamento e conhecimento. Este momento para o filósofo é estabelecido como o momento em que o juízo acontece, mas para que essa ação seja efetivamente adequada é necessária que ocorra uma transcendência coerente entre sujeito e objeto, uma vontade plena, caso contrário o juízo não será correto.

---

<sup>75</sup> WOJTYŁA, Karol, *op.cit.*, p. 206.

“Se não corresponder a essência dinâmica da vontade tender aos objetos intencionais baseando-se em alguma verdade de tais objetos, neste caso tanto a eleição como a decisão seriam incompreensíveis.”<sup>76</sup> É necessário, portanto, que haja correspondência entre o sujeito e o objeto para que o juízo seja compreendido.

Assim, a elaboração dos valores e dos juízos sempre precisará estar vinculada a auto realização da pessoa, já que ao realizar bons juízos e valores, na dinamicidade da consciência, o ser pessoa se encontrará preenchido de sentido. Se eu atuo de forma boa, me encontro bem realizado. Eis aqui porque tanta é a preocupação do filósofo em estabelecer valores e juízos mediante as experiências das ações.

## **6. Pessoa e participação**

Todo o pensamento personalista encontrado na filosofia de Karol Wojtyła é um pensamento de relação. Pensar em pessoa, com toda a construção advinda do pensamento medieval, é pensar em um ser que participa na história, na ação e nas relações. Depois de estabelecido o que é necessário ocorrer para que a pessoa possa se desenvolver em seu sentido pleno, é preciso observar as considerações que o autor, estudado por este trabalho, realiza já em sua última parte da obra *Pessoa e Ação*.

A participação caracteriza-se na atuação dos seres humanos entre si. Numa relação de unidade, que respeite a singularidade de cada pessoa. Toda ação que a pessoa realiza, é um momento de manifestação específica do seu ser. “O caminho até o conhecimento da pessoa, foi transcorrido através da ação. Pois a ação não só constitui o meio ou a base fundamental para observar a pessoa, mas também, em si, esta última se manifesta de modo proporcional a aquela.”<sup>77</sup>

Ressalte-se que a linha da relação entre a pessoa e a ação possui uma equiparação de correspondência. A todo momento, uma se comunica com a outra, como formação e correlação, uma dependendo da outra. Um ser que não realiza experiência não se conhece, não se manifesta, não se personaliza. Todo o pensamento do autor polonês encontra-se edificado na compreensão de comunidade, de sociedade. Se as pessoas se encontram bem realizadas, é por que

---

<sup>76</sup> WOJTYLA, Karol. *op. cit.*, p. 209.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 376.

na medida de suas experiências foram se manifestando de forma boa, com juízos coerentes, entre seus objetos e suas subjetividades. É próprio da natureza do homem sua necessidade e capacidade de viver em comunidade. “Se trata de uma consequência simples e natural o fato de que o homem existe junto com os outros. O caráter comunitário, o social, se encontra impresso na própria natureza humana.”

78

É a participação, tomar parte, ser parte de um todo, que invoca na ação a relação para com os outros. Isso não quer dizer que essas relações, sociais ou comunitárias, não irão carregar em si problemas, somos diversos, e diversas também serão as relações. Para que haja sociedade, deve-se ter a pessoa, que não se encontra aniquilada nestes sistemas de relacionamentos, mas se encontra evidenciada, e provocada para o bem agir, o bem realizar-se.

“As ações que o homem realiza como membro de diversas sociedades, coletividades ou comunidade, são, a sua vez, ações de uma pessoa. Seu caráter social o comunitário se encaixa em seu caráter pessoal, e não o contrário. Sem dúvida parece que, para esclarecer o caráter personalista das ações humanas, é indispensável entender algo que se deriva do fato de que elas são realizadas junto com os outros.”<sup>79</sup>

As relações sociais evocam a uma relação entre as pessoas distintas. Sendo que toda essa humanidade, pessoa por pessoa, carregará em si sua dinamicidade, sua consciência de sua singularidade, o que a torna única, entre as demais.

“A correlação dinâmica da ação com a pessoa é por si uma realidade fundamental, que permanece também em um âmbito de qualquer tipo de atuação junto com os outros. Unicamente baseando-se sobre esta relação fundamental, cada uma das ações junto com os outros adquire um significado propriamente humano. Se trata de uma ordem substancial que não se pode inverter nem omitir. Portanto situamos nossas investigações nessa ordem.”<sup>80</sup>

Toda essa maravilhosa experiência, de uns para com os outros, mantém em si nossa identidade e nos evoca a se aproximar do diferente, não como um ser que será objetivado, mas como um ser que na minha consciência e na minha liberdade será capaz de tornar-me melhor, mais formado, e mais experienciado, pois, na medida em que saímos de nós mesmos, nos tornamos melhores, mais humanos, mais comunidade, e mais participação. No fundo de tudo, o que sustenta essa

---

<sup>78</sup> WOJTYLA, Karol. *op. cit.*, p. 377.

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 379.

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 378.

vitalidade pessoal é o amor. “O mandamento “amarás” evidencia antes de tudo a parte positiva da realidade do existir e da ação humana junto aos outros.”<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> WOJTYLA, Karol. *op. cit.*, p. 421.

## CONCLUSÃO

Levando-se em consideração tudo o que foi neste trabalho apresentado, pode-se concluir que Karol Wojtyła foi um verdadeiro amante da pessoa, em sua expressão mais pura da palavra. Seu pensamento teórico dialoga com diferentes correntes da humanidade, tendo como base a ação que é capaz de revelar a pessoa ou, por que não, a pessoa que se revela e que se forma, quando age.

Conclui-se que tal pensamento seja de extrema importância para toda a humanidade, pois garantir ao homem o conceito de pessoa é a capacidade de salvaguardar toda a humanidade. Wojtyła não se concentrou apenas na teoria, sua vida enquanto professor, padre, bispo e papa foram uma aplicação de seu pensamento, que na prática do dia-a-dia era capaz de experienciar aqueles que estavam ao seu redor, nunca abandonado a dupla função da experiência que é formar e integralizar ainda mais o próprio homem.

Para auxiliar a sua construção Wojtyła recorrerá a autores de distintas áreas filosóficas, do clássico aos contemporâneos. Em Max Scheler, aclamado como o filósofo dos valores, Karol irá pegar a fenomenologia para a leitura dos fenômenos que se encontram nas ações dos homens, nas experiências. Mas também acaba por beber nas fontes desse pensador fenomenológico que ajuíza valores na leitura dos fenômenos.

Karol Wojtyła parte da experiência, sendo um processo de cognoscitivo. Quando o homem faz experiência com algo colocado em seu caminho, ele também na medida em que faz experiência do objeto faz experiência de si. Então, toda experiência que o homem realiza carrega consigo uma experiência de si mesmo. O homem é aqui uma composição real de dados sensoriais, justificando que as experiências realizadas sempre permanecem no homem. A experiência que o homem realiza é capaz de alcançar diferentes ambientes, seja ele no meio estético, religioso ou afetivo.

A consciência, conceito apresentado no segundo capítulo, é um elemento constitutivo na pessoa humana. É ela quem auxilia toda a operatividade diante das experiências realizadas pelas pessoas. Será a consciência que mediante ao objeto conseguirá esse objeto um saber compreendido. Não existe nela um momento em

que pode ser acionada. Ela sempre acompanha paulatinamente as experiências advindas das ações.

A experiência é detentora de uma liberdade dinâmica, que é gera no sujeito a devida compreensão. Logo, a experiência não pode ser limitada ou se encontrar enquadrada, ela precisa ser livre. É somente o sujeito que seja livre que será capaz de autoconhecer. Se a liberdade ocorre, ela traz consigo a vontade, pois um sujeito livre consegue querer, consegue escolher.

Uma vez que a vontade é livre em suas escolhas, o sujeito tem aí um ajuizamento da sua própria vontade. Escolher é ajuizar valores sobre as ações que se realiza. Tomar decisões é pensar.

Todo o pensamento personalista, iniciado por Mounier e encontrado na filosofia de Karol Wojtyla um conceito de relação de relação. Pensar em pessoa, com toda a construção advinda do pensamento medieval, é pensar em um ser que participa na história, nas relações. Ninguém é pessoa sozinha, é necessário o outro, que participa na minha experiência e me auxilia ainda mais no meu próprio conhecer. A grande contribuição deste filósofo repousa sobre a questão da experiência das coisas que contribui para a experiência de si.

Resta na pessoa humana um profundo desejo de conhecer as coisas, mas o mais profundo deles é o de se conhecer, na medida em que o meu ser segue em direção as outras coisas, descobrindo essas coisas e se revelando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANNO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERNSTEIN, C.; POLITI M. **Sua santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- BURGOS, Juan M. **Introducción al personalismo**. Madrid: EdicionesPalabra, 2012.
- BURGOS, Juan M. **La filosofía personalista de Karol Wojtyla**. Madrid: Ediciones Palabra, 2007.
- BURGOS, Juan M. **Antropología: Uma Guía para La Existencia**. Madrid: Ediciones Palabra, 2003.
- COSTA, José S. **Max Scheler o personalismo ético**. São Paulo: Editora Moderna, 1996.
- BURGOS, Juan M. FILOSOFÍA PERSONALISTA ¿QUÉ ES EL PERSONALISMO? Disponível em: [www.personalismo.org/filosofia-personalista/](http://www.personalismo.org/filosofia-personalista/). 2009. Acesso em: 30 de out. 2017.
- INÍCIO DA VIDA RELIGIOSA**. Disponível em: [www.jp2.org.br/especial/inicio-da-vida-religiosa](http://www.jp2.org.br/especial/inicio-da-vida-religiosa). 2015. Acesso em: 10 de out. 2017
- LECOMTE, Bernard. **João Paulo II**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MORENO, José L. M. **La raíz fenomenológica de Karol Wojtyla: método, consciencia y subjetividad**. Múrcia: Universidade de Múrcia Dissertação (Doutorado em Filosofia).
- SILVA, Paulo C. **A antropologia personalista de Karol Wojtyla (João Paulo II)**. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2005.
- WOJTYLA, Karol. **Amor e responsabilidade**. São Paulo: Cultor de Livros, 2016.
- WOJTYLA, Karol. **Metafisica della persona: tutte Le opere filosofiche e saggi integrativi**. Milano: Bompiani, 2014.
- WOJTYLA, Karol. **Persona y acción**. Madrid: Ediciones Palabra, 2014.



REALE, Giovanni. **Teologia e magistério: o pensamento filosófico de Karol Wojtyla**. Disponível em: < [www.cliturgica.org/portal/artigo.php?id=4](http://www.cliturgica.org/portal/artigo.php?id=4) >. Acesso em: 10 out. 2017.